

As Manifestações da Pobreza em Cortiços da Região Central de Santos

*Fátima Aparecida Barbosa de Oliveira Micheletti

**Joice Maria Pacheco Antonio Fernandes

***Luzana Mackevícus Bernardes

****Rosa Maria Ferreiro Pinto

*****Tânia Maria Horneaux de Mendonça Barreira

*Fátima Aparecida Barbosa de Oliveira Micheletti

Instituição: Universidade Católica de Santos

Assistente Social - Mestre em Serviço Social (PUC/SP)

michelet@unisantos.br

**Joice Maria Pacheco Antonio Fernandes

Enfermeira – Mestre em Saúde Coletiva (UNISANTOS)

joice@unisantos.br

***Luzana Mackevícus Bernardes

Enfermeira – Mestre em Saúde Coletiva (UNISANTOS)

luzana.bernardes@terra.com.br

****Rosa Maria Ferreiro Pinto

Assistente Social – Doutora em Serviço Social (PUC/SP)

rmferreiro@unisantos.br e rmferreiro@uol.com.br

*****Tânia Maria Horneaux de Mendonça Barreira

Psicóloga – Mestre em Saúde Coletiva (UNISANTOS)

obarreira@uol.com.br

Resumo:

Descrever a organização e os modos de vida e saúde em cortiços da região central da cidade de Santos e compreender a interferência deste espaço na vida cotidiana dos indivíduos foram os objetivos deste estudo, a partir de pesquisa-ação em cinco cortiços da região central da cidade de Santos. Os moradores vivem, muitas vezes, abaixo da dignidade humana, em um espaço insalubre e degradado, que interfere diretamente nas condições de vida e saúde dos residentes. O cortiço caracteriza-se como um território onde as pessoas vivem seu cotidiano e constroem seus modos de vida e de saúde em uma dinâmica típica e específica, eivado de relações de poder, de vizinhança, de solidariedade dentro de uma determinada organização.

Palavras-chave: cortiços, território, modos de vida, saúde.

Abstract:

Describing the organization and the way of life and health in tenement houses of downtown area of the city of Santos and understanding its interference in the individuals daily life were the objective of this study, resulting from research-action in five tenement houses of the downtown area of the city of Santos. The inhabitants most often live below human dignity, in an insanitary and degraded space, that directly intervenes in the residents conditions of life and health. The tenement house is characterized as a territory where people live their everyday life and construct their ways of life and health in a typical and specific dynamics, contaminated by relations of power, neighborhood, and solidarity inside of one determined organization.

Key-words: tenement houses, territory, ways of life, health.

Introdução:

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação em Saúde Coletiva – NEPEC,¹ vinculado ao Programa de Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Católica de Santos, vem, desde 2003, desenvolvendo estudos e pesquisas na área central da cidade de Santos. Em Santos, existem cerca de 14.500² pessoas vivendo em cortiços que se localizam na região central da cidade, com maior concentração nos bairros do Centro, Vila Nova, Paquetá e Vila Mathias.

Os indicadores sociais da área central têm demonstrado que as precárias condições de vida da população, especialmente as que residem nas habitações coletivas (cortiços) e sujeitas a altos graus de vulnerabilidade à pobreza³ representam sérios riscos à saúde da população residente (famílias, crianças e adolescentes, idosos).

O processo de intervenção desenvolvido no primeiro cortiço configurou-se como uma importante aproximação da equipe com o universo das habitações coletivas tornando-se referência para a entrada em outros cortiços. O primeiro cortiço foi denominado cortiço-referência.

A escolha deste cortiço deu-se pela proximidade de duas das integrantes do NEPEC, que já haviam desenvolvido algum tipo de vínculo com os moradores, em função de suas atividades profissionais na Secretaria de Saúde de Santos. O trabalho neste cortiço realizou-se de 2003 a 2004. O cortiço estava em péssimas condições de conservação e os moradores tinham como objetivo a construção de uma cozinha. Entretanto, as relações entre os moradores eram bastante conflituosas e o mesmo apresentava alto índice de rotatividade. A média de permanência era de um a três meses, com exceção da “dona da chave” – mulher de temperamento difícil – e de alguns moradores com transtornos mentais. A dona da chave apresentava-se como proprietária e líder do cortiço.

O cortiço apresentava-se em estado de deteriorização, com exposição das instalações elétricas, com alto risco de curtos-circuitos; com infiltração de água nos cômodos, provocando umidade nas paredes; uma única pia que servia para lavagem de roupa, de louça e em alguns casos, como “banheira” de bebês. A higiene do local mostrava-se muito precária expondo os moradores a intenso mau cheiro. Alguns cômodos eram limpos e organizados, porém a maioria apresentava-se sujo e desorganizado. A insalubridade do cortiço e suas precárias condições de habitabilidade também puderam ser consideradas como agravantes a doenças já instaladas e à exposição a novas doenças.

As mulheres do cortiço eram mais participativas e os homens mostravam-se desconfiados e arredios. Alguns moradores faziam uso de substâncias psicoativas ilícitas e o abuso do álcool era freqüente entre vários moradores, em diferentes horas do dia.

¹ O NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação em Saúde Coletiva foi constituído em 2003 e dele participam professores dos cursos de graduação da Universidade Católica de Santos (Psicologia, Enfermagem e Serviço Social), alunos de Iniciação Científica, alunos do Mestrado em Saúde Coletiva (fisioterapeuta, educador físico, médico) e profissionais da área da saúde. Sua principal característica é o trabalho interdisciplinar, sob a coordenação da Profa. Dra. Rosa Maria Ferreiro Pinto.

² Fonte: SEPLAN/Prefeitura Municipal de Santos.

³ Segundo estudos da Fundação SEADE – elaboração DAM/PMS, na região metropolitana da Baixada Santista, 218.981 pessoas vive em situação de extrema pobreza, o que as expõem aos mais variados riscos sociais. Especialmente na cidade de Santos, no mesmo estudo, 31.389 pessoas estão classificadas como de “vulnerabilidade alta” e 21.378 atingem o mais alto grau de vulnerabilidade.

Os moradores mantinham, entre si, relações por vezes amistosas, por vezes conflituosas, cada um vivendo em seu espaço. Por este motivo, o clima do cortiço se modificava de forma significativa: ora mostravam-se reticentes, ora receptivos e amistosos, ora desanimados.

Em relação ao modo de vida no cortiço-referência, pode-se constatar que a relação contratual da moradia está centrada nas *relações de poder*. Esta se mostrou muito forte neste cortiço, dada a personalidade da dona da chave e a forma como decidia quem poderia ficar e quem deveria sair dos cômodos. Por outro lado, a liderança exercia forte influência no comportamento dos moradores. Para uns ela mostrava-se extremamente condescendente e para outros, rigorosa. Recebia cestas básicas (não foi declarada a origem) e as distribuía segundo seus critérios.

Neste cortiço, sentiu-se entre os moradores um sentimento intenso de *despertencimento*. Ou seja, os moradores não se sentiam donos de sua moradia. Aqueles cômodos não eram considerados seus lares, apenas uma moradia “de passagem”. Por este motivo, a rotatividade dos moradores foi uma característica observada neste cortiço. Assim que conseguiam lugar melhor, mudavam-se para outros cortiços da região.

A degeneração física do cortiço estendia-se às pessoas. Percebia-se que a *degradação humana* fazia parte daquele cenário. A ausência de possibilidades para uma vida melhor expressava-se na baixa auto-estima dos moradores, principalmente entre as mulheres, o que motivou a equipe a realizar uma oficina de beleza e cuidados com o corpo. O preço abusivo dos cômodos (variando de R\$ 150,00 a R\$ 200,00) era “recompensado” pela necessidade de anonimato de alguns moradores (prostitutas e fugitivos da justiça).

As condições de saúde também se mostraram precárias, principalmente das crianças e dos mais idosos e não se percebia a adoção de cuidados para sua prevenção. Para tratamento se utilizavam dos serviços públicos de saúde, notadamente o pronto-socorro central, mostrando que só nas emergências é que procuravam atendimento de saúde. A interrupção do tratamento era constante, fazendo com que as doenças reincidissem. Neste cortiço, cabe ressaltar o grande número de moradores com distúrbios psiquiátricos e o uso de medicamentos dependia do acesso aos serviços públicos, especialmente o SENAPS II (Seção Núcleo de Atenção Psicossocial) do Centro. O lixo não era devidamente acondicionado e se espalhava pelo local e por todo lado, inclusive os dejetos de animais (galinhas, cães e gatos).

A experiência vivenciada pela equipe no cortiço-referência mostrou que entrar e sair de um cortiço exige habilidades, respeito e compromisso com os moradores. Mostrou ainda que o cortiço pode ser interpretado como um território e que cria regras típicas e específicas de convivência, formas de viver e de se relacionar. Nas relações entre os moradores observou-se que existia certa cumplicidade e, em alguns momentos, solidariedade.

Por outro lado, o trabalho no cortiço-referência revelou a necessidade de improvisação e de mudança rápida de atitude da equipe frente aos diferentes climas observados nas visitas. A morte de um morador, as brigas e a violência, afetavam diretamente os moradores fazendo com que a equipe tivesse que alterar sua proposta de trabalho. De alguma forma, os fatos que ocorriam com uma família, ou com um morador, atingiam a todos por tratar-se de uma habitação coletiva.

A Pesquisa nos Cortiços:

O trabalho ali desenvolvido ofereceu subsídios para que, posteriormente, se delineasse um projeto de pesquisa⁴, tendo como objeto: *as condições de vida e saúde em cortiços da região central da cidade de Santos e sua relação com os aspectos econômicos, sociais e culturais subjacentes à vida nesse território.*

O estudo teve como principais objetivos:

- Conhecer a organização e os modos de vida em cortiços para compreender sua interferência na vida cotidiana dos indivíduos encortiçados.
- Conhecer as formas de expressão, individual e coletiva, de interpretação da relação saúde / doença pelos moradores em cortiços.

Considerando que a investigação se processou simultaneamente com o desenvolvimento de ações em educação em saúde, optou-se, pela utilização da pesquisa-ação. Porém dada à natureza do objeto, foi possível que alguns aspectos dos estudos etnográficos pudessem também servir como referência.

Na pesquisa-ação, o objeto ou fenômeno social estudado mantém-se em movimento, e existe imensa troca entre os atores (moradores e pesquisadores) enriquecendo e ampliando os conceitos e a realidade do objeto estudado em suas múltiplas variáveis. Ao mesmo tempo, tornando possível que mudanças desejáveis ocorram através da prática reflexiva e da compreensão das condições de vida e realidade dos sujeitos.

Foram pesquisados cinco cortiços da região central da cidade de Santos. A coleta dos dados consistiu em uma busca sistemática de informações consideradas importantes para a compreensão e explicação do fenômeno estudado e que exigiu um tempo em cada cortiço que variou de três a seis meses de acordo com o desenvolvimento do processo investigativo. Este processo, dependendo do cortiço foi mais rápido ou mais demorado, embora em um deles, o vínculo permaneceu forte o que implicou no fechamento para a coleta de dados, mas, não na saída dos pesquisadores.

Para a coleta das informações, vários instrumentos foram utilizados. A pesquisa documental permeou todo o processo investigativo. A utilização de formulários foi importante para construir a tipologia dos cortiços e a caracterização da população.

As entrevistas e os grupos focais foram os instrumentos mais utilizados tanto no processo de intervenção como no investigativo, assim como o colhimento de narrativas.

Porém o principal instrumento utilizado foi a observação, um desafio constante do pesquisador, exigindo habilidades que foram sistemática e cuidadosamente avaliadas durante toda a investigação, posto que o mesmo tornou possível a leitura da vida cotidiana nos cortiços.

A pesquisa revelou que a maioria dos moradores é natural do Estado de São Paulo, notadamente da cidade de Santos. Grande parte dos moradores dos cortiços vive no município há mais de quinze anos (46%) e destes, 35% vivem na área do Centro há mais de dez anos. Entretanto, quanto a permanência na atual residência, 43% está no mesmo cortiço há no

⁴ Esta pesquisa recebeu auxílio financeiro do CNPq, através do Edital MCT/CNPq 61/2005.

máximo um ano, sendo poucos os que referiram morar no mesmo local por mais de quinze anos (9%), evidenciando a rotatividade dos inquilinos nos cortiços.

É interessante notar que os moradores “trocam” de cortiço, mas dificilmente conseguem mudar-se para outro tipo de moradia.

A escolaridade da população está centrada no ensino fundamental incompleto ou ensino fundamental completo e com baixo grau de profissionalização. Dos chefes de família poucos são registrados, ou seja, estão empregados formalmente.

Destes, 93% (noventa e três) estão na informalidade, declarando renda familiar que varia entre menos de um a dois salários mínimos. Outros são pensionistas, aposentados do INSS ou têm BPC (Benéfico de Prestação Continuada), sobrevivendo apenas destes benefícios. No entanto, a maioria paga cerca de R\$ 200,00 por mês, por um cômodo. A falta de comprovação de renda, geralmente exigida para um aluguel, justifica a ocupação dos quartos em cortiços.

Em relação à saúde/doença dos moradores, observou-se a maior incidência das seguintes doenças: transtornos mentais (em números expressivos); diabetes; doenças cardiovasculares; hipertensão; epilepsia; doenças pulmonares e DSTS e AIDS. As doenças pulmonares são, geralmente, potencializadas pelo ambiente insalubre. Os moradores servem-se basicamente os serviços públicos para consultas (que tem uma espera de mais de três meses, dependendo da especialidade) e para tratamento de saúde, dentre eles: Policlínica, Pronto Socorro Central, SECRAIDS (Seção Centro de Referência em AIDS), Centro de Saúde Martins Fontes.

Exames laboratoriais e os de maior complexidade também necessitam de esperas prolongadas. O acesso dos moradores a medicamentos é restrito ao setor público e depende da disponibilidade dos mesmos na rede o que interfere na descontinuidade do tratamento e o agravamento das doenças.

Nos cortiços estudados, de maneira geral, existem atitudes de discriminação e estigma em relação aos moradores com transtorno psicótico.

Os homens geralmente são pedreiros, ajudantes gerais, carrinheiros, catadores de papel e ambulantes ou sobrevivem de “bicos”. Muitas mulheres não trabalham. As que trabalham são ambulantes, faxineiras, empregadas domésticas ou prostitutas. Outra opção de renda dos moradores é a coleta de latas de alumínio na orla da praia. Nesta atividade estão também as crianças, principalmente durante os períodos de férias, considerando a característica turística da cidade. Em todos os cortiços pesquisados, o lazer está restrito à televisão. Por este motivo, os moradores apontaram a falta de lazer como um problema. As crianças brincam nas praças do Centro, que abrigam pessoas em situação de rua e grande quantidade de lixo.

Apontaram ainda a falta de segurança e de limpeza pública como precárias na região. Quando se referiram às suas necessidades imediatas, a falta de empregos, melhores condições de moradia e alimentação (falta de comida) mostram-se prioritárias para uma melhor condição de vida.

Um aspecto relevante nesta pesquisa foi a predominância do sexo feminino nos cinco cortiços pesquisados. Grande parte delas vive sozinha com filhos ou agregados. Ou seja, são mulheres responsáveis pelo domicílio – chefes de família. Neste sentido, a vulnerabilidade a que estão

expostos os moradores de cortiços apresenta outra face: a realidade do universo feminino na vida do cortiço.

Dois aspectos ainda puderam ser destacados no desenvolvimento desta pesquisa: a constituição de um grupo interdisciplinar e riqueza da metodologia utilizada, com suas características e os desafios postos pela realidade da vida cotidiana dos cortiços.

A prática profissional geralmente é controlada por regras rígidas, impostas e conduzidas pelos pares, mas nas relações interdisciplinares sempre haverá opções a se fazer, que exigem discernimento pautado por uma ética que permita o entendimento e a expressão plena da complexidade humana. No trabalho com a realidade devemos ter claro o alerta de Morin:

O importante é ser realista no sentido complexo do termo (compreender a incerteza do real, saber que há o possível, mesmo que ainda esteja invisível no real), o que freqüentemente pode parecer irrealista. A incerteza do real pode ensejar tanto o idealismo ético (agir de acordo com suas finalidades e ideais) como o realismo estratégico. (1998:69)

Desse modo, a ação interdisciplinar, ainda que planejada, é incerta quanto aos seus resultados, pois é construída a partir das especificidades de cada grupo. Um grupo interdisciplinar deverá administrar os conflitos gerados por essa relação através do diálogo. Assim, a interlocução entre os profissionais é fundamental para que o trabalho em equipe resulte de interação, respeito e compromisso, posto que estejam envolvidos múltiplos olhares. Nesta condição, há que se terem conceitos comuns que permitam o diálogo interdisciplinar que deve ser construído cotidianamente a partir da especificidade de cada um para que visem soluções aos problemas relacionados à saúde.

Porém, a construção de um grupo interdisciplinar também se constitui em um grande desafio e necessita de tempo e de espaço. O trabalho interdisciplinar depende fundamentalmente da disposição da equipe e da forma como esta é conduzida. Interdisciplinaridade é atitude, é postura, é compromisso de diferentes profissionais diante de um determinado problema, tornando-se um exercício diário de tolerância e respeito. Este processo veio se fortalecendo desde 2003, quando o NEPEC iniciou o trabalho no cortiço referência. A discussão e a sistematização do material produzido pelo grupo do processo de trabalho nas reuniões semanais da equipe e, a reflexão sobre o cotidiano da intervenção e da pesquisa nos cortiços foi solidificando as relações entre os pesquisadores mostrando que diferentes olhares e saberes voltados para o mesmo objeto podem oferecer possibilidades e respostas a problemas tão complexos quanto aos encontrados nos cortiços. Neste sentido, o reconhecimento de que é nas ações e inter-relações entre sujeitos que o exercício profissional se corporifica se concretiza e se atribui sentido, favoreceu também a constatação de que a natureza das práticas individuais é, antes de tudo, social

A metodologia utilizada tanto no cortiço referência quanto na pesquisa foi um fator preponderante para a construção e fortalecimento da equipe na ótica da competência técnica e do compromisso político.

A metodologia da pesquisa-ação mostrou a necessidade da cumplicidade entre os pesquisadores e fomentou o desenvolvimento de habilidades no trato e condução das ações e da pesquisa.

Adentrar em um cortiço requer um processo de aproximação que demanda tempo e habilidade por parte dos pesquisadores para estabelecer vínculos necessários entre moradores e pesquisadores para o desenvolvimento da pesquisa. A delimitação e reconhecimento da área através de caminhadas em horários diferentes para captar variações que ocorrem de acordo com o período do dia na vida dos cortiços; identificação de possíveis lideranças formais (dono da chave) e informais através de conversas com os moradores que vão aos poucos dissipando curiosidades e desconfianças através da criação de vínculos; observação acurada do ambiente e de fatos significativos. Adentrar em um cortiço significou a aproximação com realidades peculiares e diversas que surpreenderam os pesquisadores e remeteram todo o grupo à revisão das técnicas de abordagem.

A abordagem, nesta pesquisa, caracterizou-se como o instrumento mais importante para a pesquisa-ação e determinante para o processo investigativo. Neste sentido, o processo de abordagem, como instrumento de pesquisa pode significar a diferença entre o fracasso e o sucesso das ações dos pesquisadores.

O Cortiço Como um Território:

As cidades apresentam configurações que muitas vezes tornam invisíveis territórios que necessitam de visibilidade, ou seja, a vida em uma cidade como Santos, sede da Região Metropolitana da Baixada Santista, aparentemente desconhece a existência de segmentos populacionais que transitam na paisagem da cidade, vivem, moram, trabalham, se utilizam de serviços e constroem seus espaços no espaço urbano. Como um espaço situado no espaço urbano, o cortiço é, às vezes, interpretado como apartado da vida econômico-social da cidade.

Neste micro espaço urbano pode-se encontrar um território onde as pessoas vivem seu cotidiano e, constroem seus modos de viver em uma dinâmica própria, que apresenta dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais.

Segundo Koga (2003), a pobreza se expressa de muitas formas e, não significa apenas ausência de renda, o que expõem os indivíduos a condições de vida, muitas vezes, abaixo da dignidade humana, devido ao que a autora chama de tradicional visão genérica da pobreza da sociedade brasileira. Por este motivo, a discussão da pobreza e da exclusão não tem, via de regra, se importado com a questão territorial, *“o chão das relações entre os homens, onde se concretizam as peculiaridades sociais, políticas, econômicas e culturais”* (2003:19).

Assim, nas palavras de Milton Santos:

(...) o território só se torna conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utiliza. (2000.22).

Deste ponto de vista, a noção de território se constitui a partir da relação entre o espaço e as pessoas que nele vivem. Na perspectiva de Santos, afirma-se a característica relacional do cortiço como território. Por consequência, a noção de território se constitui a partir da relação entre o espaço e as pessoas que nele vivem. As particularidades locais, a forma como vivem os moradores, suas aspirações e não somente suas necessidades, buscando estratégias de sobrevivência e construindo suas próprias regras para este modo de viver típico em um espaço geográfico determinado e determinante da vida dos sujeitos que dele se utilizam, aproximam o cortiço de um território delimitado no espaço urbano. As peculiaridades destes espaços urbanos constituem-se em universos, pois: o processo de reprodução das relações sociais,

vinculado a valores já estabelecidos, atribui-lhes uma determinada conformidade e criam uma dinâmica típica e específica aos modos de viver dos encortiçados. Assim, cada cortiço torna-se um território.

Caracterizado o cortiço como um “território” é necessário compreender que:

(...) o povo como sujeito é também o povo como objeto, sobretudo se considerarmos o povo e o território como realidades indissolivelmente relacionadas. Daí a necessidade de revalorizar o dado local e revalorizar o cotidiano como categoria filosófica e sociológica, mas também como categoria geográfica e territorial (Santos, Milton, 2000 in Koga, 2003: 35/36).

Entrar no universo deste território significa desvendar a dinâmica relacional e cultural deste “micro espaço urbano”⁵ para compreender que nele existe um entrelaçamento de atividades cotidianas que, de alguma forma, atribuem a este espaço unidade e, ao mesmo tempo, diversidade.

O cortiço é um recorte da cidade, e se apresenta como um micro espaço no espaço urbano. É um recorte social da cidade e, assim, constitui-se em um território, como espaço próprio de socialização, e modos de viver.

Enquanto território, este micro espaço urbano (o cortiço), torna-se um criador e reproduzidor de cultura que pode ser determinante na vida das pessoas que nele vivem. A vida neste micro espaço reproduz também as relações sociais e de poder, presentes no espaço urbano e na vida social e, dependendo da forma como estas relações se apresentam de forma implícita ou explícita, dão uma conformidade única à vida cotidiana dos sujeitos.

Em situação de miséria, insalubridade, contínua exploração, os moradores encortiçados estabelecem regras de convivência identificadoras e peculiares a um universo próprio no espaço urbano, pois apesar de nele inserido, os cortiços são de certa maneira mantidos segregados. O cortiço, como espaço de vida, produz e reproduz um ambiente resultante de fatores culturais, sociais e de relações de poder.

As particularidades de cada cortiço, a forma como vivem os moradores, suas aspirações e não apenas suas necessidades, buscando estratégias de sobrevivência e construindo suas próprias regras para este modo de viver típico e específico em um espaço geográfico determinado e determinante da vida dos sujeitos que dele se utilizam, tornam o cortiço um território delimitado no espaço urbano. O cortiço é um lugar, uma manifestação social de apropriação do espaço pelos seus moradores.

⁵Guy Di Meo (1996), geógrafo francês, tem trabalhado os conceitos de espaço de vida e espaço vivido, fundamentando a concepção de território sob os aspectos da sua materialidade e de sua representação pelos homens. O autor chama de espaços de vida aqueles onde se constroem a vida cotidiana dos sujeitos em torno de seu local de moradia, de trabalho, de lazer etc. (In Koga, 2003:36). A utilização do termo “micro espaço urbano” foi por nós cunhada para fazer referência ao cortiço como o lugar, o chão, que diz respeito aos aspectos objetivos e subjetivos da realidade vivida pelos moradores do cortiço, como parte de um espaço maior que é a rua ou o bairro e, nesta perspectiva, está diretamente relacionada com o conceito de território. Entretanto, não podem ser considerados sinônimos. As observações efetuadas nas áreas dos cortiços na região central da cidade de Santos demonstraram que cada cortiço apresenta uma determinada tipologia que não pode ser, a princípio, considerada comum. Assim, optamos por considerar o cortiço como um território em um micro espaço geográfico situado no espaço urbano da cidade, pois como tal, este espaço determina formas de viver diferenciadas de outros espaços urbanos e, portando espaço de vida.

Por este motivo, os cortiços estudados embora apresentem uma tipologia comum às habitações coletivas, são universos diferentes. Em cada um deles pode-se observar a existências de regras e formas de convivência diferenciadas que lhes conferem uma especificidade nos modos de viver de seus moradores.

Os cortiços, como espaços de vida, possuem códigos que determinam as relações entre os moradores e que perpassam o cotidiano dos sujeitos. Nos cortiços estudados observou-se que a noção do coletivo é forte entre os moradores, reforçando o território como o chão onde se concretizam as relações sociais, de vizinhança, de solidariedade, as relações de poder que demonstram a peculiaridade dos espaços de vida dos moradores.

Modos de Vida nos Cortiços:

A vida no cortiço apresenta-se como um mosaico constituído pela diversidade das experiências de vida de cada morador, e que ao mesmo tempo, se confunde com a experiência de todos ao conviver no mesmo espaço.

Nos cortiços estudados, embora de maneira geral exista interação entre os moradores, esta varia de intensidade de cortiço para cortiço. Em alguns ocorre de maneira superficial e em outros ocorre maior envolvimento e vinculação, inclusive porque em alguns existe grande rotatividade de moradores.

O clima nos cortiços varia entre a tranquilidade e o conflito, quando as “regras” não são cumpridas, o que confere a cada cortiço uma sociabilidade peculiar.

Tais “regras” puderam ser observadas, principalmente em relação à limpeza, das áreas comuns, higiene dos cômodos e cuidados com o lixo, pois existe percepção de que a sujeira degrada ainda mais o ambiente.

Neste sentido, o acondicionamento dos resíduos sólidos domésticos aparece como um ponto importante nas condições do ambiente. Cada cortiço apresenta regras organizadoras em relação à disposição dos resíduos sólidos domésticos e, de forma geral, cada cômodo é responsável pelo seu.

Em alguns cortiços existe cooperação entre os moradores em relação ao lixo e à limpeza das áreas comuns e, em outros alguns os moradores são sobrecarregados com esta função, gerando brigas e desentendimentos.

Não só em relação à limpeza e ao lixo, existe também organização para a lavagem de roupas e de louças, já que os tanques são coletivos e, em alguns, também as pias.

Apesar do ambiente insalubre encontrado em todos os cortiços estudados, o cuidado dos moradores para a preservação do ambiente coletivo ficou evidente dentro das condições de vida possíveis. Em ambientes degradados, a sujeira parece se sobrepor à limpeza. Em um dos cortiços, o banheiro coletivo era exaustivamente limpo e desinfetado pelos moradores, mas devido às precárias condições do mesmo, este sempre aparentava estar sujo.

Como existe uma “organização” entre os moradores, seja para as atividades de lavagem de roupa e de louças, seja para limpeza dos cômodos e das áreas comuns, não se pode afirmar que um cortiço tenha ou não boas condições de higiene. Viver em um cortiço é vivenciar as

diferenças e a reprodução da desigualdade. É pagar caro por um cômodo sem nenhum conforto e sem privacidade. É não ter direito a uma moradia digna. É sentir-se sem pertencer a lugar nenhum, em um lugar ao mesmo tempo transitório e definitivo. É viver em um território que constrói seu próprio modo de vida, eivado de relações de poder, de vizinhança, de solidariedade e criar estratégias de sobrevivência, porque é invisível aos olhos da cidade. É não ter acesso digno aos serviços públicos. É cuidar do seu lixo e muitas vezes viver dele. É viver exposto a riscos em relação à sua saúde da sua família. É sentir muito distante de sua realidade cotidiana a consecução de políticas públicas direcionadas à prevenção e promoção da saúde.

Mas também é viver momentos de solidariedade, de ajuda e compreensão, de dividir a comida, o remédio, os utensílios domésticos, o material de limpeza. É cuidar e ser cuidado. É viver momentos de descontração e compartilhamento em conversas na porta e na calçada, é viver o verdadeiro sentido da vizinhança.

É uma vida cheia de dificuldades, em um espaço degradado, onde os sentimentos de pertencimento e de auto-estima nem sempre se fazem presentes. Porém, apesar das adversidades enfrentadas no cotidiano para sobreviver, as crianças brincam, as mulheres se enfeitam para as festas, os jovens namoram, os homens procuram o sustento de suas famílias. Vive-se o presente, sem deixar de almejar um futuro melhor.

Ao olhar menos atento, parece difícil que os moradores dos cortiços possam ter uma vida saudável e serem felizes em face às precárias condições de vida a que estão sujeitos. Como diria Penna:

É esse vitalismo, que dá sentido à luta diária pela sobrevivência, nesta vida considerada sem qualidade. Que “apesar de”, lhes permite enfrentar as adversidades, manter o instinto de preservação, dá-lhes o riso, a alegria, o sonho. (2007: 87).

A par da realidade adversa em que vivem, os moradores dos cortiços constroem suas existências, de forma subjetiva e singular porque são pessoas humanas.

Considerações Finais:

O estudo das condições de vida e de saúde dos moradores de cortiços da região central de Santos, através da metodologia da pesquisa-ação tornou-se relevante para a avaliação de práticas educacionais em saúde na ótica da participação, emancipação e autonomia dos sujeitos para a construção da cidadania ativa. Educação em saúde constitui-se em atividade meio para a promoção da saúde e favorece uma relação próxima entre o profissional de saúde, a população alvo e sua realidade vivida e representada. Significa fortalecer a participação popular e a reflexão crítica que vise ao empoderamento dos sujeitos na busca da superação de suas condições de vida e saúde.

Porém, as condições de vida dos moradores de cortiços tornam o processo de participação social frágil.

Como viver em cortiços significa para a maioria dos moradores com “algo passageiro”, isto é, sonham em sair daquela situação de moradia, cada um toca sua vida da maneira que podem, buscando estratégias de sobrevivência e “*se virando*” dentro de suas possibilidades.

A compreensão dos meandros presentes na dinâmica da vida social deste espaço determinado - o cortiço - revelou que não é possível fazer generalizações em relação aos cortiços da região central de Santos. A pesquisa e o processo interventivo mostraram que existe uma característica comum e, ao mesmo tempo, muitas diferenças em relação às condições de vida nos cortiços. Os cortiços ou habitações coletivas podem ser caracterizados pela superlotação de pessoas residentes, a multifuncionalidade de cada cômodo e o uso comum de banheiros, cozinha e tanque e, no caso, são edificações em alto grau de degradação física. Porém, observou-se que o ambiente ultrapassa as condições físicas de deteriorização e insalubridade dos cortiços para, a partir delas, tornar-se elemento significativo para as condições de vida dos moradores. Historicamente, os cortiços têm servido como única alternativa de moradia para indivíduos em situação precária de vida e saúde e, de alguma forma, submetidos a um processo de exploração de alguns sobre muitos.

A pesquisa revelou que, de maneira geral, os moradores dos cortiços têm pouco acesso aos programas sociais, mostrando que esta população necessita de atenção dos gestores municipais. A invisibilidade também é física, pois, uma simples porta na calçada esconde todo um universo a ser desvendado.

Cada cortiço apresenta uma determinada tipologia que não pode ser considerada comum. Assim cada cortiço é um território situado no espaço urbano da cidade. Tal como um território, este espaço determina formas de viver diferenciadas de outros espaços urbanos. Os cortiços são espaços de vida. Como espaço de vida, existe entre os moradores códigos, representações, e uma organização que determina um entrelaçamento de atividades cotidianas, daí resultando modos de vida coletivos que acabam por ser determinantes do modo de vida dos indivíduos e das representações sociais em relação à sua condição de vulnerabilidade social. Nos cortiços da região central de Santos ficam expostas as manifestações da pobreza.

As ações integradas à pesquisa favoreceram a compreensão das relações entre os moradores em um espaço urbano cuja complexidade, miserabilidade e insalubridade desafiam as possibilidades de atuação de profissionais em espaços de vida, porque neles, pulsa o instigante universo das relações sociais.

Os resultados apontados neste estudo poderão instigar outros estudos e, assim, não pode ser considerado concluído, pois, a precariedade das condições das habitações coletivas e a vulnerabilidade a que estão expostos os sujeitos que vivem neste micro espaço urbano, representam um grande desafio e exigem uma atuação consistente do poder público em direção à consecução de direitos sociais.

Referências Bibliográficas:

DI MÉO, Guy. **Les territoires du quotidien**. Paris: L' Hartmattan, 1996.

FUNDAÇÃO SEADE. <http://www.seade.gov.br>. Disponibilidade 24/07/2008.

KOGA, D. **Medida de Cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES, E. C.; NAJAR, A. L. **A Sociologia Urbana, os Modelos de Análise da Metrópole e a Saúde coletiva: uma contribuição para o caso brasileiro**. 2003.

MORIN, E. **A ética do sujeito responsável.** In: CARVALHO, E.A. (Org.). **Ética, solidariedade e complexidade.** São Paulo: Palas Athena, 1998. p. 65-77.

PENNA, C.M. de M. **Realidade e Imaginário no Processo de Viver de Moradores em um Distrito Brasileiro.** *Revista Texto e Contexto em Enfermagem.* Vol.16 (1), Florianópolis, jan/mar. 2007. p. 80-88.

SANTOS, M. **Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos.** São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. **O Espaço e o Cidadão.** 6. ed. São Paulo: Nobel, 2002.

SEPLAN – **Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Santos.**
<http://www.santos.sp.gov.br/planejamento>. Disponibilidade 24/07/2008.